Notas de leitura

STEINBERG, Shirley R., KINCHELOE, Joel L. (org.). *Cultura infantil*: a construção corporativa da infância. Tradução de George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, 415p.

Publicado originalmente em inglês (*Kinderculture* – The corporate construction of Childhood, 1997), este livro engloba uma série de artigos que discutem o tema dos "novos tempos que prenunciam uma nova era na infância" (Steinberg).

Na introdução, os organizadores destacam a visão da infância como criação da sociedade vinculada às transformações e mudanças sociais e culturais, observando que a infância tradicional teve a sua duração entre 1850 e 1950, com o desenvolvimento infantil ancorado no conceito de forças biológicas, segundo o qual a perspectiva cultural não era valorizada. Essa concepção de infância começa a se transformar nos anos de 1950, pelas mudanças nas configurações familiares da modernidade e chega-se ao final dos anos de 1990 com uma família "pós-moderna" sem apoio, constituída de mães solteiras ou que trabalham fora, com múltiplos problemas vindos da feminilização da pobreza e da posição vulnerável das mulheres em diferentes espaços (Polakow, V. *The erosion of childhood*. Chicago: University of Chicago Press, 1992).

O livro descreve e debate a crise contemporânea da infância, analisando textos recentes que narram essa "perda da infância" e suas imagens assustadoras sobre a crise da infância. Nelas, a cultura popular nos fornece cenas de isolamento, lares e comunidades fragmentadas, ressaltando dessa maneira a produção de uma pedagogia cultural que abrange uma variedade de áreas pedagógicas e sociais – lugares ou artefatos culturais – como bibliotecas, revistas, brinquedos, TV, cinema, livros, propagandas, videogames, esportes e outros. Os autores citam Giroux (*Disturbing pleasures: learning popular culture*. New York: Routledge, 1994), que destaca uma análise da pedagogia escolar e cultural para dar sentido ao processo educacional no final do século XX.

Steinberg e Kincheloe listam temáticas variadas que são discutidas ao longo do livro. Englobando tópicos como as novas áreas de aprendizado e a criação de um currículo cultural, situam a cultura infantil no campo dos estudos culturais, destacam o conhecimento da mídia como conhecimento necessário na hiper-realidade e analisam o poder corporativo da cultura infantil com alguns dilemas que constituem a infância pós-moderna.

A obra está organizada em 14 capítulos e reúne colaboradores das áreas da sociologia, educação e cultura popular, explorando alguns ícones que moldam a consciência e os valores das crianças.

O capítulo 1, de Joel Kincheloe, refere-se ao tema das crianças "esquecidas" em casa, a partir da análise dos filmes *Esqueceram de mim* e *Esqueceram de mim 2*: perdido em Nova York, na qual o autor utiliza a dinâmica familiar dos filmes americanos para destacar os temas da dor e do medo que acompanham crianças e suas famílias na América pós-moderna.

Nos três capítulos seguintes, temos primeiramente um artigo de Henry Giroux questionando "Os filmes da Disney são bons para nossos filhos?", com uma reflexão em torno de seus efeitos. O capítulo 3 é um texto de Eleanor Hilty, comentando o papel da televisão como professora, através da análise de programas que incluem de *Vila Sésamo* a *Barney e seus amigos*. Um artigo de Douglas Kellner, discutindo a série de desenhos animados da MTV *Beavis e Butt-Head* e articulando-o com aspectos da cultura da mídia e as controvérsias sobre os possíveis efeitos na juventude pós-moderna, constitui o capítulo 4.

Os capítulos 5, 6 e 7 compreendem respectivamente textos sobre a emergência da mídia interativa na vida das crianças através dos videogames,

de Eugene Provenzo Jr; a análise do programa *Power Rangers* e a *estética da justiça falo-militarista,* através da violência estilizada e transformada em coreografia, de Peter Mclaren e Janet Morris, e o artigo de autoria de Linda Christian-Smith e Jean Erdman sobre a construção da infância através da leitura da ficção de terror.

O próximo bloco, que inclui os capítulos 8, 9, 10 e 11, inicia com um artigo de autoria de Alan Block que focaliza a leitura de revistas infantis como representação do que nós, adultos, escolhemos para nossos filhos e propõe a discussão de cultura infantil e cultura popular. Segue-se um texto sobre luta livre profissional e a cultura juvenil, no qual o autor, Aaron Gresson III, aborda questões e aspectos que constituem as identidades juvenis como a contenção da civilidade, a provocação e o sarcasmo. O capítulo 10 analisa o comércio dos *cards*, que os autores Murry Nelson e Shirley Steiberg denominam *tirando a carta da manga*, desencadeando uma discussão sobre a coleção dos *cards* e as suas representações na cultura juvenil no passado e no presente. Esse bloco termina com o trabalho de Steinberg sobre o tema da Barbie, narrando o processo de 'invenção' dessa boneca loura pela indústria Mattel, denominada, pela autora, *a mimada que tem tudo* e que durante estes 37 anos de existência assumiu múltiplas identidades étnicas e históricas.

A última parte do livro compõe-se dos capítulos 12, 13 e 14. O primeiro, de Jeanne Brady, discute a temática do multiculturalismo e o sonho americano como tendência na indústria de brinquedos na década de 1990. O segundo artigo, de Jan Jipson e Ursi Reynolds, analisa as representações de mulheres e crianças na cultura infantil através de filmes como *Thelma e Louise* ou de revistas como *Seventeen.* O capítulo 14, de Joel Kincheloe, ressalta alguns aspectos que moldaram e moldam a cultura e a consciência infantil, analisando as articulações entre representações da rede do McDonald's, poder e crianças. Nele, o autor discute a ação da mídia invadindo as esferas da vida privada e campanhas publicitárias, como, por exemplo, "Ronald McDonal faz tudo por você" ou "o McDonald's como lugar de crianças".

A leitura deste livro é instigante por abordar e discutir a temática da constituição da infância na pós-modernidade como uma construção corporativa no panorama da vida contemporânea. Os diversos autores, ao longo dos capítulos, utilizam uma narrativa que engloba e entrelaça diferentes análises de textos midiáticos, possibilitando assim articulações com aspectos que constituem a cultura infantil.

Maria Cecilia Torres
Doutoranda em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: ctorres@vant.com.br

NARODOWSKI, Mariano. *Comenius & Educação*, trad. de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2001,109p.

O livro é o primeiro da Coleção *Pensadores & Educação,* dirigida especialmente a docentes, estudantes de Pedagogia e das licenciaturas, pesquisadores, pesquisadoras e estudiosos e estudiosas da área, objetivando oferecer um panorama sobre a obra de autores e autoras que refletem sobre questões da educação, com destaque à contribuição que oferecem. Apresenta sugestões de leituras referentes ao autor estudado e indica *sites* de interesse na Internet.

Em *Comenius & Educação*, encontramos uma contextualização rigorosa do autor e de sua obra *Didática Magna.* Tal tratamento confere ao livro seriedade sem pedantismo, oportunizando uma leitura ao mesmo tempo densa, instigante e prazerosa. O livro nos brinda também com uma completa cronologia comeniana.

Abordando as questões centrais para a didática e a pedagogia em Comenius, Narodowski nos remete ao tema da modernidade e aos modos como a educação escolar está imbricada na lógica que a sustenta, tornando-se ela própria um ícone dessa racionalidade.

O livro está estruturado em cinco capítulos: 1. Comenius e seu tempo; 2. A utopia comeniana; 3. Comenius e a escola; 4. Comenius e a educabilidade e 5. Comenius e os educadores, Não lhes falta concisão, clareza e apoio em citações retiradas da própria *Didática Magna.* É especialmente nos comentários dessas citações que Narodowski nos faz estabelecer conexões importantes entre o "conteúdo" da educação e a gênese da escola de massas que ainda hoje se alimenta de elevadas doses de ordem, seqüenciação e gradualização na perpétua busca de um método racional capaz de produzir o milagre de ensinar tudo a todos e ao mesmo tempo. A insistência nesses mecanismos de controle, a existência de uma articulação muito forte entre família e escola, a educação sendo desenvolvida em ambiente não materno e por especialistas para esse fim formados, a reunião da juventude e da infância em espaços próprios de ensino formal, a consideração da infância como distinta do mundo adulto apenas em grau, idade de vida incompleta, imatura e imperfeita, caracterizam a modernidade pedagógica e o pensamento de Comenius, que é chamado o pai da didática.